



Medeia

Sandra Hung

Francisco Salgado

Teatro Municipal
Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz,
Almada
Portugal

21*/26 Novembro, 2014
21.30 horas

*Inserido na 18ª Mostra
de Teatro de Almada

Texto
A partir de Eurípides
e reescritas
contemporâneas do Mito
de Medeia

Co-criação
Sandra Hung
Francisco Salgado

Interpretação
Sandra Hung

Dramaturgia
Anabela Mendes

Apoio à Dramaturgia
Luísa Sousa

Direção de Produção
Ana Sêrro

Produção Executiva,
Fotografia, Figurino
Carolina Thadeu

Design de Comunicação
Miguel Pacheco Gomes

Apoios e Parcerias
Câmara Municipal de Almada

Latoaria

AJAGATO

Projecto Ruínas

GEIC

Departamento de Estudos Germanísticos, FL UL

Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, FCT UNL

Novo Núcleo Teatro, AEFCT UNL



Deste projecto quer-se um solo, uma montagem teatral, uma leitura sobre o Mito de Medeia a partir de reescritas contemporâneas do Mito. Uma proposta centrada no trabalho do ator e na importância da palavra enquanto agente da ação – a palavra surge como geradora de imagens, de estados físicos e psíquicos, sendo uma potencial arma de combate.

Procuramos que a partitura vocal, a partitura física, a relação com o espaço, os objectos e a luz se realizem de forma independente e que o seu cruzamento aconteça de forma livre e espontânea. Queremos estar na direcção contrária do mimético, daquilo que se encerra em si próprio e tem uma única significação, daquilo que nos impede de imaginar e renomear. Queremos estar na direcção dos nossos fantasmas, no encontro com os nossos mortos e com o insondável.

“Devo falar de mim Eu aquela
De quem se fala quando
Falam de mim Eu quem é”

Heiner Müller, *Paisagem com Argonautas*

Breve enquadramento

Este trabalho, à semelhança de outros projectos que a Artes e Engenhos – Associação Cultural tem vindo a desenvolver desde 2012, está centrado na problemática do arquivo e da memória, retomando o movimento de reescrita. É um projecto que, convocando outros tempos, outros olhos, outras vozes e outras realidades, procura fazer dialogar diferentes espaços e tempos – retomar questões, reformulá-las à luz do nosso quotidiano e problemáticas - interessá-nos. Acreditamos que é no voltar, no fazer nossas as questões de outro, na tentativa de perceber e conhecer sociedades diferentes da nossa e/ou de um outro tempo, que fica facilitado e/ou iluminado o pensar o presente e o apontar/desejar um futuro. Daí a necessidade em convocar, repetir, recuperar o mesmo gesto que Heiner Müller e Christa Wolf adoptaram, a reescrita, quando actualizaram o mito cantado na tragédia de Eurípides, abrindo, assim, hipóteses para um presente e devolvendo ao futuro as questões do passado – questões universais e por isso intemporais. Propomos uma reescrita do tríptico de Heiner Müller com ecos/vozes de outros leitores do mito, nomeadamente, Eurípides e Christa Wolf.

O Mito de Medeia repete-se. Não nos interessa tecer julgamentos, interessá-nos colocar a situação/o tema em discussão, abrir possibilidades e encontrar a sua actualidade. Sentimo-nos a reduzir, quando encerramos Medeia na mulher apaixonada, traída por Jasão, que mata os seus filhos e lhe nega a descendência. Sentimo-nos a somar ao olharmo-la, também, como a estrangeira, a refugiada, aquela que abandona a sua pátria na crença de um futuro mais favorável, aquela que tem uma cultura e hábitos diferentes, ditos estranhos, que tenta que a terra que pisa também lhe pertença. Sentimo-nos a somar ao tangenciarmos a questão da emigração. Sentimo-nos a dividir quando as opiniões divergem, quando se coloca em discussão um tema e ele não é consensual, quando existem inúmeras possibilidades e quando não atingimos a satisfação de todos. Sentimo-nos a multiplicar, quando reescrevemos, renomeamos, redefinimos e voltamos a questionar. Desejaríamos, assim, somar, dividir e multiplicar.

Sobre o mito de Medeia, aquele que está no limiar entre o bem e o mal

Medeia, a filha do Rei da Cólquida, a temível feiticeira, aquela cujo dom e a astúcia permitem realizar feitos mágicos e extraordinários.

Medeia, a bárbara, aquela que por amor a Jasão comete as maiores atrocidades, abandonando, punindo, traíndo a sua pátria, o seu povo e a sua família.

Medeia, a estrangeira, a esposa traída e ultrajada, aquela que não perdoa a ambição de Jasão pelo poder e pelo trono de Corinto, a que lhe nega a imortalidade ao impedir a sua descendência.

Medeia, aquela que transforma amor em ódio e que se move por um desejo cego de vingança, desafiando as leis humanas e divinas.

Medeia, aquela que com vitalidade e mira/pontaria atinge os seus objectivos e comete um acto irreversível e inesquecível, sacrificando os seus próprios filhos.

Medeia, aquela que coloca em causa a ideia de futuro.

26 Novembro, 2014
Espectáculo
Teatro Municipal
Joaquim Benite,
Almada

21 Novembro, 2014
Espectáculo
18ª Mostra de
Teatro de Almada
Teatro Municipal
Joaquim Benite,
Almada

9 Outubro, 2014
Espectáculo
Festival de Teatro
de Montemor-o-
Novo, Montemor-
o-Novo

**Setembro/
Outubro, 2014**
Estreia/
Espectáculo
Latoaria, Lisboa

**Agosto/Setembro,
2014**
Residência de
Criação Artística/
Apresentações
informais
Latoaria, Lisboa

Julho, 2014
Residência de
Criação Artística/
Apresentação
informal
AJAGATO, Vila
Nova de Santo
André

Apoios e Parcerias
Câmara Municipal
de Almada

Latoaria
AJAGATO

Projecto Ruínas
GEIC

Departamento
de Estudos
Germanísticos,
FL UL

Departamento de
Ciências Sociais
Aplicadas, FCT
UNL

Novo Núcleo
Teatro, AEFCT
UNL